

Jorge Sousa Braga*

Quando a lua desce à terra: o corpo da mulher em tradução

Resumo: Este texto é um depoimento sobre a experiência de traduzir por parte de um médico-leitor que é também poeta e amante da poesia; daquela que se escreve e se escreveu nos mais diversos lugares do mundo. Encara a tradução como a forma mais plena de ler e conhecer textos de mundos e culturas diferentes do seu lugar de escrita, sendo a publicação do resultado um gesto de partilha com outros amantes de poesia. Este escritor acredita na traduzibilidade dos textos literários e na importância da sua circulação. Muitos desses textos preenchem “lacunas” nos sistemas literários de chegada, como é o caso dos poemas inseridos na antologia aqui focada, *Quando a Lua desce à Terra: o corpo da mulher em tradução*.

Palavras-chave: tradução, poesia, corpo, mulher

Abstract: This text is a testimony about the experience of translating by a ‘doctor-reader’ who is also a poet and a lover of poetry – the kind that is written and has been written in the most diverse places around the world. He sees translation as the fullest way to read and understand texts from worlds and cultures different from his own place of writing, with the publication of the result serving as an act of sharing with other poetry lovers. This writer believes in the translatability of literary texts and in the importance of their circulation. Many of these texts fill “gaps” in the receiving literary systems, as is the case with the poems included in the anthology at the centre of this reflection, *Quando a Lua desce à Terra: o corpo da mulher em tradução* (“When the Moon Comes Down to Earth: the Woman’s Body in Translation”).

Keywords: translation, poetry, body, woman

Quero começar por esclarecer que, quando muito, sou um tradutor amador. Um tradutor amador, porque não sou um profissional e porque amo aquilo que traduzo: poesia. Só traduzo poesia e dentro dela apenas os poetas de que gosto. Traduzo primeiro para mim. Tento que esse poema funcione na minha língua. A maioria das vezes acabo por compartilhar depois com os outros aquilo que traduzi.

Traduzir um poeta é uma das melhores formas de o conhecer. O tradutor acaba por descobrir a técnica na construção dos poemas. Aprende-se mais a traduzir do que a ler. Mas é preciso ler bem antes de traduzir. E ler em voz alta depois de traduzir, porque há coisas que só se tornam evidentes depois da leitura em voz alta.

Traduzir para mim tem também outra vantagem: enquanto traduzo não escrevo, o que impede que a minha poesia reunida se transforme num tijolo demasiado pesado.

Diz Octavio Paz: “Aprender a falar é aprender a traduzir. É o que acontece quando uma criança pergunta à sua mãe pelo significado desta ou daquela palavra. Cada língua é uma visão do mundo, cada civilização é um mundo. O sol que canta o poema azteca é distinto do sol do poema egípcio, ainda que o astro seja o mesmo”.

Outro poeta mexicano, José Emilio Pacheco, diz: “A literatura é um mar nutrido por todas as correntes da Terra. Só mediante as traduções se mantêm em circulação as águas. Sem elas voltaríamos a uma Babel incomunicável, a uma ilha desértica, em que nada poderia florescer.”

Continua a discutir-se se a poesia é traduzível. Quanto a mim esta é uma discussão que faz cada vez menos sentido. Eu não me consigo imaginar sem todos os poetas que li em tradução. Há casos célebres, em que a qualidade da tradução parece ultrapassar a do original: por exemplo a tradução que Rilke efectuou para alemão dos poemas da Louise Labé.

Comecei a traduzir sob o impulso das traduções do Eugénio de Andrade e do Herberto Helder. Os primeiros poemas que traduzi, suponho que foram do Jorge Luis Borges. Há um deles que me acompanha até hoje e cuja tradução penso que foi bem conseguida: *A Corça branca*.

A CORÇA BRANCA

De que alegre balada da verde Inglaterra,
de que tapete persa, de que região enevoadada
das noites e dias que o nosso ontem encerra
veio a corça branca com que sonhei de madrugada?
Duraria um segundo. Vi-a cruzar o prado
e perder-se no ouro duma tarde ilusória,
leve criatura feita dum pouco de memória
e dum pouco de olvido, corça de um só lado.
Os numes que regem este curioso mundo

deixaram-me sonhar-te mas não ser o teu dono:
talvez num recanto do porvir profundo
encontrar-te-ei de novo corça branca de um sonho.
Eu também sou um fugitivo que dura
um pouco mais que o sonho do prado e a brancura.

E continuei a traduzir, muitas vezes a partir de uma segunda ou terceira língua, poemas ou textos que me tocavam profundamente. Aconteceu isso com o Apollinaire. Com o Bashô a experiência foi avassaladora: acabei por traduzir um dos seus diários de viagens a partir da tradução do Octavio Paz, *O caminho estreito para o longínquo norte*, que tem um dos prólogos mais brilhantes que conheço: “Os meses e os dias são viajantes da eternidade. O ano que se vai e o ano que vem também são viajantes. Para aqueles que deixam flutuar a sua vida a bordo dos barcos ou envelhecem conduzindo cavalos, todos os dias são viagem e a sua casa é o espaço aberto. Entre os homens do passado muitos morreram em pleno caminho. A mim mesmo desde há anos me perturbam pensamentos de vagabundo mal vejo uma nuvem arrastada pelo vento”.

Ultimamente traduzi uma série de poemas do W. S. Merwin. Nas suas memórias, ele conta que quando era jovem visitou o Ezra Pound no Hospício de Saint Elizabeth e pediu-lhe conselhos sobre como escrever poesia. E o Ezra Pound aconselhou-o, antes de começar a escrever poesia, a traduzir os poetas provençais, como Arnault Daniel ou Guilherme IX da Aquitânia. E Merwin seguiu o seu conselho: comprou uma casa em ruínas na Provença e entre outras coisas dedicou-se à tradução de poesia em occitano. Mas primeiro tentou incorporar a história, o ambiente, a paisagem, a língua desses poetas, antes de se atrever a traduzir. Merwin acabou a viver no Havai: comprou uma velha plantação de ananases e dedicou-se a plantar palmeiras, tendo construído um dos maiores palmares do planeta, com a maior variedade de palmeiras, algumas em vias de extinção. Em colaboração traduziu Bashô e outros poetas orientais.

O título da antologia, *Quando a lua desce à terra*,¹ é como algumas tribos sul-americanas se referiam à menstruação. É muito antiga a ligação entre a lua e a menstruação (a lua de sangue).

Ao longo de dois anos, fui juntando, como pequenas pedras raras, produções poéticas escritas por mulheres que versassem as suas experiências da maternidade, do parto, da menstruação, da sexualidade. O que traduzi e reuni nesse livro resulta de um trabalho minucioso de busca e tradução de poemas vindos de várias línguas e geografias.

Tudo começou com a leitura dos poemas da Anne Sexton (um deles tem o título “Em celebração do meu útero”).

EM CELEBRAÇÃO DO MEU ÚTERO

Tudo em mim é um pássaro.
Adejo com todas as minhas asas.
Queriam extirpar-te
mas não o farão.
Diziam que estavas incomensuravelmente vazio
mas não estás.
Diziam que estavas doente prestes a morrer
mas estavam errados.
Cantas como uma colegial
Tu não estás desfeito.

Doce peso,
em celebração da mulher que sou
e da alma da mulher que sou
e da criatura central e do seu prazer
canto para ti. Atrevo-me a viver.
Olá, espírito. Olá, taça.
Fixar, cobrir. Cobre o que contém.
Olá, terra dos campos.
Bem-vindas, raízes.
Cada célula tem uma vida.
Há aqui bastantes para satisfazer uma nação.
Chega que a população possua estes bens.
Qualquer pessoa, qualquer grupo diria:
está tudo tão bem este ano que podemos plantar de novo
e pensar noutra colheita.
Uma praga tinha sido prevista e foi eliminada.
Por isso muitas mulheres cantam em uníssono:
uma numa fábrica de sapatos amaldiçoando a máquina,
uma no aquário cuidando da foca,
uma aborrecida ao volante do seu FORD,
uma cobradora na portagem,
uma no Arizona enlaçando um bezerro,
uma na Rússia com uma perna de cada lado do violoncelo,
uma trocando painéis num fogão no Egipto,
uma pintando da cor da lua as paredes do quarto,
uma no seu leito de morte, mas recordando um pequeno almoço,
uma na Tailândia deitada na esteira,

uma limpando o rabo ao seu bebê,
uma olhando pela janela do comboio,
no meio do Wyomming e uma está
em qualquer lado e algumas estão em todo o lado e todas
parecem estar cantando, embora haja quem
não possa cantar uma nota sequer.

Doce peso
em celebração da mulher que sou
deixa-me levar uma echarpe de três metros,
deixa-me tocar o tambor pelas que têm dezanove anos,
deixa-me levar taças para oferecer
(se é isso o que me toca).
Deixa-me estudar o tecido cardiovascular,
deixa-me calcular a distância angular dos meteoros,
deixa-me chupar o pecíolo das flores
(se é isso o que me toca).
Deixa-me imitar certas figuras tribais
(se é isso o que me toca).
Pois o corpo precisa disso,
que me deixes cantar
para a ceia,
para o beijo,
para a correcta
afirmação.

Os poemas e as poetisas foram aparecendo como as cerejas (umas atraíam outras).
Descobri também uma ou outra antologia sobre este tema. Mas o principal prazer foi
descobrir vozes a que de outro modo dificilmente teria chegado, como por exemplo as
de Anne Stevenson e de Mina Loy.

Procurei ouvir a voz das mulheres sobre coisas que lhes dizem intrinsecamente
respeito. E que só a poesia permite dizer. Não é estranho a esta pesquisa o facto de ser
obstetra e ginecologista. Mas, apercebi-me a determinada altura da força que esta coleção
de poemas estava a adquirir, que extravasava do propósito inicial. Mas as mulheres o
dirão melhor do que eu:

EU SOU UMA MULHER

Ninguém consegue adivinhar
o que digo quando estou em silêncio

quem vejo quando fecho os meus olhos,
como me deixo arrebatado quando me deixo arrebatado
o que procuro quando estendo as minhas mãos.
Ninguém, ninguém sabe
quando estou com fome, quando faço uma viagem
quando caminho e quando estou perdida.
E ninguém sabe
que a minha ida é um regresso
e o meu regresso é uma abstenção,
que a minha fraqueza é uma máscara
e a minha força é uma máscara
e o que vem a seguir é uma tempestade.

Eles pensam que sabem
e então eu os deixo pensar
e acontece.

Eles colocaram-me numa gaiola para que
a minha liberdade possa ser um presente deles,
e eu teria de agradecer e obedecer.
Mas eu estou livre antes deles, depois deles,
com eles e sem eles.
Sou livre na minha opressão, na minha derrota
e a minha prisão é o que eu quero.
A chave da prisão pode ser a sua língua.
Mas a língua deles está torcida em volta dos dedos do meu desejo
o meu desejo que eles nunca poderão comandar.

Eu sou uma mulher.
Eles pensam que possuem a minha liberdade.
Então eu deixo-os pensar
e acontece.
(Joumana Haddad)

NOTAS

* Jorge Sousa Braga nasceu em Cervães, uma aldeia no norte de Portugal. Vive no Porto, onde trabalha como ginecologista e obstetra. Publicou o seu primeiro livro de poesia em 1981, *De manhã vamos todos acordar com uma pérola no cu*. O último livro foi publicado em 2024: *A flor cadáver e outros poemas*. A sua poesia está reunida em *O poeta nu* (2013). É também autor de dois livros de poesia para crianças, algumas antologias e alguns livros com versões de poesia oriental.

¹ Jorge Sousa Braga (org. e trad.), *Quando a Lua Desce à Terra - Poesia Traduzida*, Lisboa, Língua Morta, 2023.